

A marca da pantera negra

Christian Escot Moraes

NOS DOCUMENTOS OFICIAIS está registrado: Maria das Graças Silva, 46 anos, brasileira, natural de Caratinga, Minas Gerais. Nos meios jornalísticos, porém, ela é Ana Davis, que no início dos anos 70 despontou na televisão brasileira como uma brilhante repórter e apresentadora. Conhecida tanto pelo seu talento quanto pela coragem de dizer o que pensa, Ana faz jus à personagem que deu origem a seu pseudônimo – a ousada Angela Davis, ativista do grupo Panteras Negras, que naquela época lutava contra o racismo nos EUA. Maria das Graças Silva virou Ana Davis nos estúdios da *TV Globo*, emissora da qual se considera “uma cria rejeitada” e com que manteve uma relação conturbada durante os cinco anos (de 1972 a 1977) em que lá trabalhou.

Ao longo de 25 anos de profissão, após algumas idas e vindas do telejornalismo, atividade da qual se afastou em 1990, Ana Davis hoje tem o seu próprio escritório de assessoria de imprensa. É a microempresa *Processo de Imagem e Comunicação de Notícias*, ou simplesmente *PIC-News*: “Vejo este trabalho de uma forma mais complexa, como um processo de construção de imagem do cliente que estamos divulgando. Daí o nome da empresa, cuja abreviatura dá uma idéia de velocidade, de pique, coincidente com a rapidez da imprensa atual”, explica. “Nossa proposta também é esta: comunicação rápida, leve e dinâmica, para botar nosso cliente no pique da notícia. Ou no pico, como manchete e primeira página”, brinca, aproveitando o trocadilho.

EMPENHO – A brincadeira pára por aí, porque quando se trata de questões de trabalho Ana Davis é muito séria. E foi com muita seriedade e empenho



ANA DAVIS / Foto de Paulinho Rodrigues

que, em 1994, decidiu trocar o trabalho autônomo em assessoria pela abertura de sua empresa. A princípio, as coisas não foram nada fáceis, como era de se esperar. E ainda não são. “É preciso todo um novo aprendizado, porque se tem de dominar questões jurídicas, empresariais, legais, trabalhistas, econômicas e mercadológicas. Tudo isso no dia-a-dia, enquanto a gente trabalha”, diz Ana, que, no início, além das atividades burocrático-administrativas e profissionais, ainda se incumbia de outras tarefas: “Chegava às sete da manhã, varria o escritório, lavava o banheiro e fazia cafezinho. O empresário é isso. É o último que sai e o primeiro que chega, principalmente no começo do negócio.”

Mas será que tanto esforço compensa? No caso de Ana Davis, sim. Mesmo considerando sua empresa pequena – tem apenas seis clientes fixos (fora os avulsos), pequenos e médios, e trabalha

com três estagiários –, com ganhos flutuantes, Ana gosta do que faz e é otimista com o mercado de assessoria de imprensa: “Foi muito gratificante me sentir capaz de montar minha própria empresa, acreditar no meu potencial. E este é um mercado bom, em evolução, no qual ainda se pode vir a ganhar muito dinheiro.”

RESPEITO – Além das peripécias diárias relativas à administração da agência, Ana Davis precisa se esmerar para oferecer um trabalho diferenciado em sua atividade-fim. “Para mim, a assessoria de imprensa é como uma agência de notícias. Não faço o gênero ‘defendo-meu-cliente-a-qualquer-custo’, aquele assessor que esgota a paciência do jornalista. Isto não funciona. Procuro simplesmente extrair o que existe de mais jornalístico e informativo no

doutor Roberto Marinho com o jornal não entrava na minha cabeça. Eu era meio ingênua”, admite. “Na verdade, eu nunca consegui agir como se fosse proprietária da *Globo*, nem me enquadrava nos modelos que eles tinham para as pessoas. Este foi o meu mal, e o que provocou minha saída”, conta. A mágoa de Ana Davis, porém, não se restringe a *TV Globo*, e se estende as demais emissoras nas quais trabalhou, porque, segundo afirma, nenhuma delas lhe deu a oportunidade que seu talento merecia. “Sempre pesava a ideia de que o negro é menos inteligente. Isto fere a gente, sabe?”

DISCRIMINAÇÃO - Se Ana Davis fala sério quando o assunto é seu trabalho atual, fala mais sério ainda quando se trata do seu passado como telejornalista, em especial a experiência na *TV Globo*. “Sai da *Globo* porque estava cheia de ser discriminada lá dentro, profissional e racialmente. Eu trabalhava muito, ganhava pouco, e isto foi me deixando irritada. Se eu fosse loura de olhos azuis, teria tido outro tratamento, sem dúvida”, desabafo. “Houve um momento em que vivi um profundo conflito na emissora. Eu fazia reportagens excelentes para o

tema de remuneração das assessorias, compara Ana Davis, paganda”, compara Ana Davis, *marketing* e das agências de propaganda. “As assessorias de imprensa são as primas pobres dos profissionais. “As assessorias de imprensa mais dinheiro para seus sempre esta característica resessoria seja indispensável, nem Ainda que o trabalho de assessoria de imprensa.”

preze não pode dispensar uma lista não tem tempo de levantar hoje está muito veloz, e o jornalismo. Porque a informação para a imprensa quanto para o trabalho é fundamental, útil tanto para as “mastigadas”, “Nosso porque lhes oferece todas as informações o trabalho dos jornalistas, opinião, o assessor moderno enfrenta nós e a redação.” Na sua caso. Há um bate-bola muito ético material audiovisual, se for o mais, com bastante informação e um cardápio de notícias opções. “Não pressiono, apenas ofereço e a não invadir seu espaço e respeito os colegas de redação, porque aprenderam a imprensa, porque aprenderam a rias hoje têm trânsito livre na Para Ana Davis, as assessorias que é uma redação.”

“AS ASSessorias São as primas pobres da Propaganda.”

Assim foi quando resolveu posar para a capa do jornal *Pasquim*, semanário dos anos 70 malvisto pelo regime militar. A atitude provocou um terremoto nos bastidores do telejornalismo global, e custou a Ana Davis uma suspensão por um mês. “Claro que como repórter e apresentadora da *TV Globo* eu nunca deveria ter sido capa do *Pasquim*. Mas eu me achava uma mente livre, independente, e a briga do



ANA DAVIS / Fotos de Paulinho Rodrigues

vezes chuto mesmo.” balde. E com razão, porque as sempre acham que vou chutar o que berra, e aí as pessoas ficam temperamento: “Sou uma cabrita e, principalmente, ao seu próprio jornalismo atual a discriminação acredita sua ausência do tele- uma colega de trabalho.” Ana ter um tratamento inferior ao de não achava justo, e não admitia verba especial de produção. Eu não ocorre uma grande frustração. Já houve cliente que me pagou R\$2 mil e obtive R\$200 mil de retorno de mídia. Ele ficou com um sorriso de orelha a orelha e eu com cara de boba.”

campanhas bem-sucedidas. “Sentais sobre o resultado de especial, junto com a Marília Gabriela. Só que ela ganhava dez vezes mais, e ainda tinha uma

EPIC NEWS

ESCOLA PRÁTICA - Entretanto, foi na TV Globo - onde trabalhou no Hoje, Jornal Nacional e Fantástico e nos extintos Plantão Globo, O Globo em Dois Minutos e Jornal Internacional, com Heron Domingues - que Ana Davis aprendeu tudo sobre telejornalismo, desde digitação de caracteres até reportagem e edição. Na escola global as "aulas" ocorriam na prática, no dia-a-dia da profissão. Os "professores" eram rígidos, o grau de exigência altíssimo e os "alunos" preparados para tudo. "Era uma loucura. Previsávamos fazer das tripas coração para chegar com a reportagem a tempo no Jornal Nacional. As equipes eram pequenas, havia cinco ou seis repórteres para o jornal todo. E ainda trabalhávamos com filmes, não existia VT", recorda. "Vivíamos na corda



bamba. Os motoristas daquela época eram todos suicidas: passavam por cima de carneiros, faziam loucuras no trânsito para podermos chegar a tempo de revelar o filme, emendá-lo na mo- viola, montá-lo e levá-lo ao ar. Era tudo para ontem, e tinha que sair perfeito", conclui.

Nas coberturas de carnaval, a

correria dobrava e o "horário escolar" passava a ser integral. A repórter saía de um baile noturno para cobrir um desfile de fantasias pela manhã, seguido de outro baile à tarde e depois ia para a Marques de Sapucaí ao anoitecer. No dia seguinte o roteiro podia até mudar, mas o ritmo de trabalho permanecia o mesmo. "Eu não dormia. Tomava uns remédios e trabalhava dopada", conta, referindo-se aos "rebites", estimulantes usados para espantar o sono. Por essas e outras histórias é que Ana acha que a reportagem de TV hoje está bem mais fácil: "Em termos de esforço físico, esta muito mole. Nós fazíamos de tudo, ao passo que nas equipes atuais há profissionais para todos os setores, está todo mundo amparado." E mesmo depois de enfrentar todas as atribuições da profissão, Ana Davis não descarta a possibilidade de voltar a trabalhar no meio telejornalístico: "Até gostaria que me contratassem novamente, pelo menos para que pudesse me aposentar com um salário melhor."

HARE KRISHNA - Se hoje Ana Davis admite retornar ao telejornalismo, na época do seu afastamento da TV Globo - 1977 - talvez esta possibilidade sequer fosse cogitada. Isto porque, inicialmente, sua saída gerou um certo transtorno pessoal, e suas preocupações não eram tanto de ordem profissional: "Sai com a cabeça a mil, cheia de questionamentos e precisando de Deus", diz ela, afirmando que se sentia "infeliz" no trabalho. Mas não foi exatamente a carência espiritual que fez com que sua atenção se voltasse para os Hare Krishna, uma religião oriental que, naquele momento, estava no centro de uma polémica envolvendo uma menina que abandonara a família para converter-se. A mãe da jovem fora literalmente se queixar

até para ver quem tinha razão na polémica. A curiosidade, aliás, é uma característica básica de todo jornalista", lembra.

E Ana Davis decidiu apurar. Não a distância, com cracha de repórter, mas pelo lado de dentro da religião, incógnita. Convenceu com os Hare Krishna por três meses, durante os quais se fez passar por devota. A conversação aparente lhe permitiu realizar uma ampla matéria sobre o assunto, publicada pela revista *Manchete* e pelo jornal *Ultima Hora*. "A reportagem foi marcante e causou comoção geral. Inscrevi-a no Prêmio Esso, mas não me deram. Talvez o valor deste trabalho não tenha sido reconhecido pelos colegas da imprensa pelo artifício de que lancei não para realizá-lo. Mas quantos jornalistas já não se fingiam de loucos para entrar em manicomio, ou de criminosos para entrar em presídios?" questiona. Um tanto frustrada, Ana saiu do Brasil e foi realizar um velho sonho: conhecer os EUA e se tornar em inglês naquele país. Fez o *TOEFL* e o *Michigan Test* (ambos conceituados exames de inglês para estrangeiros nos EUA) e foi aprovada com boas notas.

Em 1979, um ano e meio depois da temporada americana, voltou ao Brasil para se tornar repórter da *Revista Nacional*, a convite de Maurício Meira - que, quando editor da *Ultima Hora*, publicara a matéria dos Hare Krishna. A reportagem sobre a religião ainda lhe renderia um convite de Justino Martins, editor-chefe da *Manchete*, para trabalhos *free-lancers*. Em breve Ana Davis retornaria à televisão, desta vez na *TVE*, como duble de apresentadora e alfabetizadora de adultos em um programa chamado PAF-TV (Programa de Alfabetização Funcional). Depois foi para a *TV Bandeirantes*, onde trabalhou no programa *Ela e ca-*

“NUNCA CONSEGUI AGIR COMO SE FOSSSE PROPRIEDADE DA GLOBO.”

por todos os telejornais da emissora e produziu os programas da Hebe Camargo e J. Silvestre. Es- teve também no Sistema Brasileiro de Televisão - por duas vezes, assim como na *Bandeirantes* - tra- balhando nos programas *Aqui e Agora* (primeira versão), *O povo na TV* e no telejornal *TV Brasil*. No *TV*, desempenhou a função de âncora - a última que exerceu na televisão - da sucursal Rio entre 1988 e 1990.

MARCHAND - A saída do SBT (do telejornalismo) também não foi fácil. Causada por problemas de natureza pessoal - seu ex-marido a perseguiu no trabalho numa situação profissional e - a demissão atrou Ana Davis, a demissão atrou Ana Davis ser médica - e que hoje se declara escritora -, impressionara não só pela beleza, mas principalmente pelo talento precoce (tinha apenas 20 anos). Tanto que, seis meses após o seu ingresso na *TV Globo-MG*, a emissora ultrapassava a *TV Itacolomi*, então líder de audiência. Um ano depois da estreia, Ana se transferia para a matriz, no Rio.

“As pessoas ficaram admiradas comigo. Na verdade, era uma reação que vinha de um preconceito, de achar que uma negra não podia fazer aquele tipo de trabalho - o que é uma grande bobagem. O Brasil é muito arrasado neste ponto”, acusa. E finaliza, no melhor estilo Angela Davis: “Os negros são grandes comunicadores. Primeiro, porque têm vozes lindas. Segundo, porque são multo inteligentes. E só uma questão de oportunidade.”

Agarron e não largou mais. A experiência que havia obtido na assessoria da Associação dos Empreiteiros (onde trabalhou paralelamente a *TV*) lhe permitiu fazer um bom trabalho na Finep e em outras empresas e insti- tuições como *free-lancer*. Estava engrenada a carreira de assessora de imprensa da jornalista Ana Davis, que tomava novo rumo 20 anos depois daquele 1º de abril de 1972, quando entrou nos estúdios da *TV Globo* de Minas Gerais para um teste de apre- sentadora, após ser descoberta por uma caça-talento na ante- sala de um show de Carlinhos Lyra no Teatro Martinia, em Belo Horizonte. A moça de família pobre, que escrevia contos e quera ser médica - e que hoje se declara escritora -, impressionara não só pela beleza, mas principalmente pelo talento precoce (tinha apenas 20 anos). Tanto que, seis meses após o seu ingresso na *TV Globo-MG*, a emissora ultrapassava a *TV Itacolomi*, então líder de audiência. Um ano depois da estreia, Ana se transferia para a matriz, no Rio.

Pery Cotta

COMO SE APURA UMA MATERIA?
A melhor escola foi, e é conti- nuada sendo a Biblioteca de Polícia do jornal. Fazer ronda policial até a porta do dado criar calo, de tanto ligar para delegacias. E quando se apren- de simplicidade, cruza e ob- jentidade.
- Como? BBS, 342. Estou ano- tando. 342? O que é 342?
Depois, é decodificar e passar para a máquina, brasileiro, branco, solteiro, 34 anos, preso como estacionário. E aguentar a gozacoa.
- 342, o cara! A pega é um duplo 171! Não entendeu, pô?
Você é foca?
Apuração exige cintura de equilíbrio, pontaria de mo- cino e insistência de conquis- tador barato, além daquela barreira enganosa das mais es- peritas. Isto é, não ter vergonha de procurar e procurar, per- guntar, perguntar e perguntar sempre (e mesmo que pareça matricamente na clareza da versão, e, procurar uma boa fonte, até acertar no alvo. Se a matéria ainda estiver capenga, depois de gastar todos os úl- timos do sebo e a lista tele- fônica inteira, começar de novo, buscando outras fontes de in- formação e voltando obrigatória e repetidamente as primeiras fontes, gravar tudo o que se ouve, mesmo que se imagine um gênio capaz de guardar de cabeça todos os dados.

Sela, igualmente, pragmático como um filósofo. Se acha que já esclareceu tudo, procure uma pergunta escondida, uma dúvida persistente. Achava, por certo. Depois de tanto esforço e trabalho, lei e releia todos os dados apurados, compare uns com os outros e arrume o ra- cioclínio, enumerando a ordem de entrada de cada informação. Isto é, priorize cada parágrafo a ser escrito. E se ainda tiver forças e tempo, veja se não é alguma coisa (arrumar aqui e ali o fio do fio), tornando o texto mais claro, direto, objetivo. Não esqueça, finalmente, que o texto jornalístico, por sua natureza e finalidade, precisa ser conciso.

Cintura de equilibrista e pontaria de moquinho